

Brasil pode obter desconto dos credores

21 AGO 1991

CAPETA MERCANTIL

por Getulio Bittencourt
de Nova York

O Brasil pode conseguir um desconto de 40% ou mais no principal de sua dívida, na renegociação que começa hoje, de acordo com a opinião da maioria dos 61 executivos sênior, diretores-gerentes e vice-presidentes de 38 dos maiores bancos credores do País ouvidos por este jornal nas últimas duas semanas.

A mesma pesquisa mostra que o tamanho da economia, a capacidade de exportar e o setor privado são os pontos fortes do Brasil. A política interna e o governo são os pontos fracos. Os banqueiros acreditam ainda que o País pode conseguir um acordo pelo Plano Brady no começo do próximo ano, mas não em 1991.

Um banqueiro do comitê assessor afirmou ontem a este jornal que o desconto de 40%, mencionado pelos banqueiros na pesquisa, não lhe parece absurdo, mas antecipou esperar que os brasileiros insistam hoje mais em obter um alívio nos juros anuais do que no principal da dívida.

De acordo com um dos entrevistados na pesquisa, sua impressão até recentemente era de que os bancos seriam mais duros com o Brasil do que foram com o México (desconto de 35% no Plano Brady) e com a Venezuela (desconto de 30%). Mas mudou sua opinião ao constatar que muitos banqueiros agora estão convencidos de que o Brasil não tem tanta capacidade de pagamento como México e Venezuela, cuja receita de exportação de petróleo vai direto para os cofres de empresas estatais.

Na área da dívida nova, o J. P. Morgan colocou on-

tem o novo eurobônus da Petrobrás, captando US\$ 200 milhões por cinco anos a um custo de 12,25%, "o menor que o Brasil paga no mercado desde a crise da dívida, em 1982", segundo afirmou a este jornal ontem à tarde o chefe de operações do banco na América Latina, Roland Wogenodski.

"O mercado recebeu muito bem o papel", confirmou um vice-presidente do Banque Indosuez, em Paris, Alexis Habib. "Nós consideramos a operação um sucesso", acrescentou Wogenodski. Um mês antes, a mesma Petrobrás pagou um retorno maior (de 13,5%) para captar US\$ 250 milhões com um bônus de prazo menor (dois anos), liderado pelo Chase Manhattan Bank.

(Ver página 23)

Os episódios da União Soviética favoreceram os papéis dos países latino-americanos, no mercado secundário da dívida externa, pelo simples fato de eles ficarem longe da Europa. O principal título do Brasil subiu 0,5 ponto assim como o GRA argentino. "Foi como se a queda de Mikhail Gorbachev recolocasse a América Latina no mapa e retirasse a Polônia e a Iugoslávia", comentou um especialista do mercado.

(Ver página 26)